



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

QUESTÃO 1

Texto 1:

Conflito *Datação 1535*

substantivo masculino

1 profunda falta de entendimento entre duas ou mais partes

Exs.: *c. de gerações*

c. árabe-israelense

2 Derivação: por extensão de sentido.

choque, enfrentamento

3 Derivação: por extensão de sentido.

discussão acalorada; altercação

Ex.: *não vá criar um c. com seu pai*

4 Derivação: por analogia.

ato, estado ou efeito de divergirem acentuadamente ou de se oporem duas ou mais coisas

Exs.: *c. de ideias, de interesses*

c. entre julgamentos

5 Rubrica: administração.

contestação recíproca entre autoridades pelo mesmo direito, competência ou atribuição

6 Rubrica: psicologia.

ocorrência concomitante de exigências, impulsos ou tendências

antagônicos e mutuamente excludentes, e o estado daí decorrente

7 Rubrica: teatro.

no drama, fato em torno do qual se estruturam as ações da peça e que consiste no choque de interesses, opiniões etc. de duas ou mais personagens, ou entre o protagonista e forças externas (divindades, forças da natureza), ou até consigo mesmo

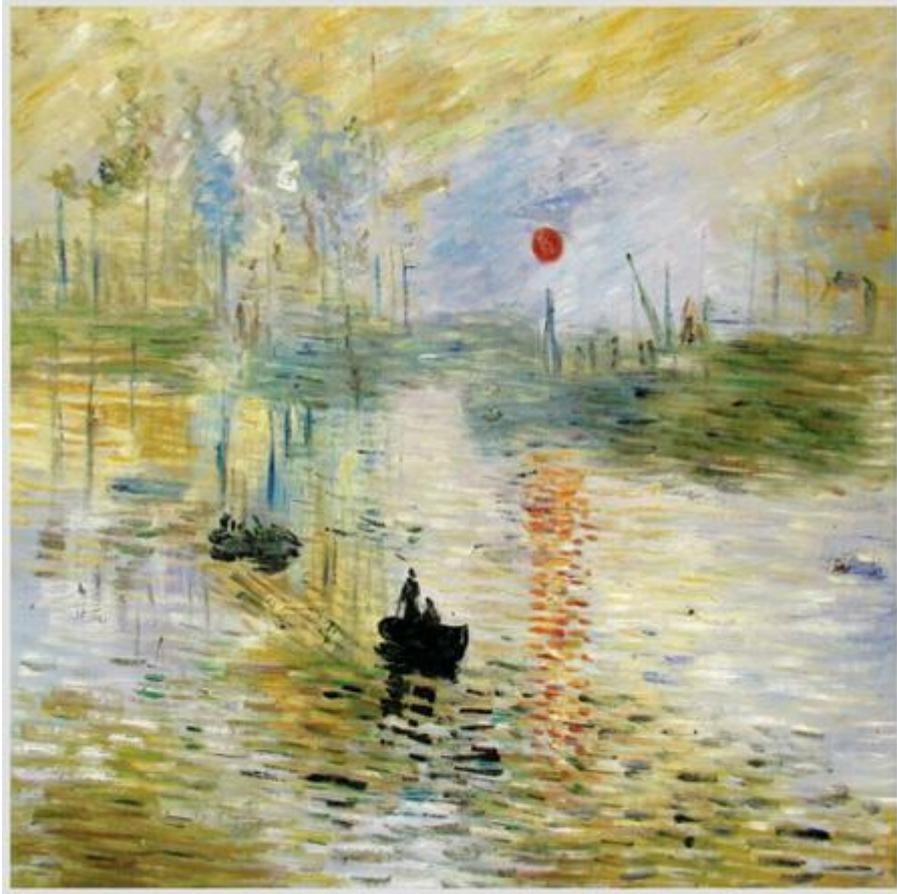
(Houaiss Eletrônico)



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita



Texto 2:



(Impressão, nascer do sol - Claude Monet)

Texto 3:

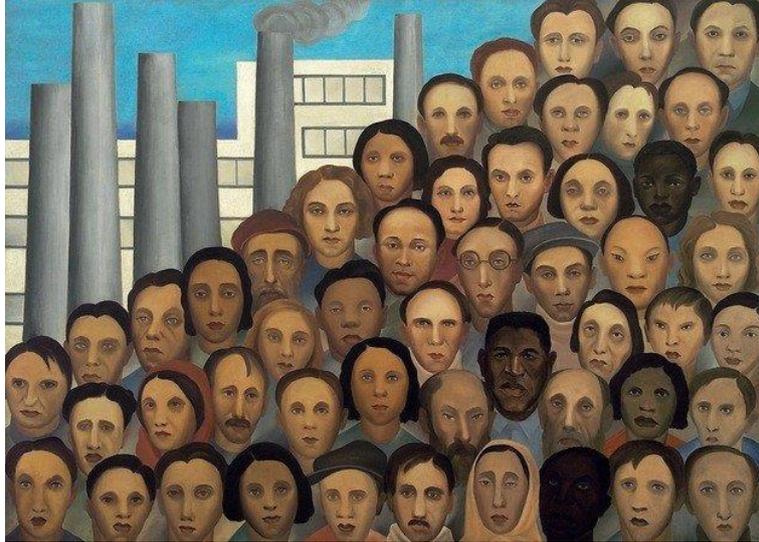


(Guernica - Pablo Picasso)



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

Texto 4:



(Operários - Tarsila do Amaral)

Texto 5:

Poética

Estou farto do lirismo comedido

Do lirismo bem comportado

Do lirismo funcionário público com livro de ponto expediente protocolo e
[manifestações de apreço ao Sr. diretor

Estou farto do lirismo que para e vai averiguar no dicionário o cunho vernáculo
[de um vocábulo

Abaixo os puristas

Todas as palavras sobretudo os barbarismos universais

Todas as construções sobretudo as sintaxes de exceção

Todos os ritmos sobretudo os inumeráveis

Estou farto do lirismo namorador

Político

Raquítico

Sifilítico

De todo lirismo que capitula ao que quer que seja fora de si mesmo.

De resto não é lirismo

Será contabilidade tabela de co-senos secretário do amante exemplar com cem
[modelos de cartas e as diferentes maneiras de agradar às mulheres, etc.

Quero antes o lirismo dos loucos

O lirismo dos bêbedos



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

O lirismo difícil e pungente dos bêbedos
O lirismo dos clowns de Shakespeare

— Não quero mais saber do lirismo que não é libertação.

(Manuel Bandeira)

Texto 6:

Vidas Secas

Pouco a pouco o ferro do proprietário queimava os bichos de Fabiano. E quando não tinha mais nada para vender, o sertanejo endividava-se. Ao chegar a partilha, estava encalacrado, e na hora das contas davam-lhe uma ninharia.

Ora, daquela vez, como das outras, Fabiano ajustou o gado, arrependeu-se, enfim deixou a transação meio apalavrada e foi consultar a mulher. Sinha Vitória mandou os meninos para o barreiro, sentou-se na cozinha, concentrou-se, distribuiu no chão sementes de várias espécies, realizou somas e diminuições. No dia seguinte, Fabiano voltou à cidade, mas ao fechar o negócio notou que as operações de Sinha Vitória, como de costume, diferiam das do patrão. Reclamou e obteve a explicação habitual: a diferença era proveniente de juros.

Não se conformou: devia haver engano. Ele era bruto, sim senhor, via-se perfeitamente que era bruto, mas a mulher tinha miolo. Com certeza havia um erro no papel do branco. Não se descobriu o erro, e Fabiano perdeu os estribos. Passar a vida inteira assim no toco, entregando o que era dele de mão beijada! Estava direito aquilo? Trabalhar como negro e nunca arranjar carta de alforria!

(Graciliano Ramos)

Texto 7:

Cálice

Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
Pai, afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Pai, afasta de mim esse cálice, pai
Afasta de mim esse cálice, pai
Afasta de mim esse cálice
De vinho tinto de sangue

Como beber dessa bebida amarga?
Tragar a dor, engolir a labuta
Mesmo calada a boca, resta o peito
Silêncio na cidade não se escuta



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

De que me vale ser filho da santa?
Melhor seria ser filho da outra
Outra realidade menos morta
Tanta mentira, tanta força bruta

Como é difícil acordar calado
Se na calada da noite eu me dano
Quero lançar um grito desumano
Que é uma maneira de ser escutado

Esse silêncio todo me atordoa
Atorreado eu permaneço atento
Na arquibancada pra a qualquer momento
Ver emergir o monstro da lagoa

De muito gorda a porca já não anda (Cálice)
De muito usada a faca já não corta
Como é difícil, pai, abrir a porta (Pai, cálice)
Essa palavra presa na garganta

Esse pileque homérico no mundo
De que adianta ter boa vontade
Mesmo calado o peito, resta a cuca
Dos bêbados do centro da cidade

Talvez o mundo não seja pequeno (Cálice)
Nem seja a vida um fato consumado (Cálice, cálice)
Quero inventar o meu próprio pecado (Cálice, cálice, cálice)
Quero morrer do meu próprio veneno (Pai, cálice, cálice)

Quero perder de vez tua cabeça (Cálice)
Minha cabeça perder teu juízo (Cálice)
Quero cheirar fumaça de óleo diesel (Cálice)
Me embriagar até que alguém me esqueça (Cálice)

(Chico Buarque e Gilberto Gil)

Os diferentes textos que compõem esta questão se unem, dentre outros motivos, pela temática do "conflito". Desenvolva essa afirmação, enfocando, sobretudo, a literatura brasileira do século XX e o surgimento da Arte Moderna. (Valor: 2,0 pontos)



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

QUESTÃO 2

O trabalho de Aronoff (1976) impulsiona a chamada Morfologia Derivacional dentro da Teoria Gerativa, de Chomsky. Nossa competência lexical seria composta por Regras de Formação de Palavras (RFP), em que determinado sufixo ("Y") se agregaria a uma base ("X") para produzir um novo item, conforme esquema abaixo:

RFP: $[X]_a \rightarrow [[X]_a Y]_b$ ("a" e "b" seriam "categorias", as tradicionais classes de palavras)

Sobre esse modelo de descrição, recaem alguns questionamentos, dos quais destacaremos 3. O primeiro deles é a "base unitária". Segundo Aronoff, a base de uma RFP deve apresentar uma única especificação categorial. No entanto, como contraexemplo, uma RFP geradora de vocábulos X-ISMO do grupo de afinidade semântica "adepto de X" se revelaria um problema. Analisando bases de palavras como "socialismo", "nacionalismo", "interacionismo" e "malufismo", vemos que estamos diante de prototípicos adjetivos ("social" e "nacional") e substantivos ("interação" e "Maluf"). Embora dentro do mesmo leque semântico, teríamos de admitir duas regras para o grupo: uma com base adjetival e outra com base substantiva, o que se revela contraintuitivo dentro de um modelo gerativo que preza pela economia:

$[X]_{adj} \rightarrow [[X]_{adj} ISMO]_s$
"adepto de X"

$[X]_s \rightarrow [[X]_s ISMO]_s$
"adepto de X"

O segundo problema é semelhante ao primeiro, porém diz respeito ao "produto categorial único". Para o autor, as RFPs deveriam especificar apenas uma categoria/classe para o produto. Entretanto, as flutuações categoriais do uso originariam, novamente, mais de uma RFP. A palavra "dentista", por exemplo, pode facilmente ser empregada em contexto "substantivo" ou "adjetivo", o que resultaria:

$[X]_s \rightarrow [[X]_s ISTA]_s$
"profissional de X"

$[X]_s \rightarrow [[X]_s ISTA]_{adj}$
"profissional de X"

O terceiro problema, bastante desenvolvido em Basílio (1980) e tangenciado em Basílio (1998), é o fato de que apenas grupos de afinidade semântica produtivos (aqueles usados pelos falantes para formar novas palavras) apresentam RFP. Dessa forma, como explicar a capacidade de o indivíduo reconhecer a estrutura de itens lexicais que não pertencem a regras produtivas? Vocábulos como "olheira" (grupo de afinidade semântica "anomalias/enfermidades" do sufixo -eira) ficariam sem explicação no modelo,



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

pois podemos proceder perfeitamente a uma análise estrutural (“olho” mais “eira”), contudo, como a regra não é produtiva, não haveria descrição nessa proposta. Basílio equaciona essa questão ao desvincular as RFPs das Regras de Análise de Estrutura (RAEs). A análise de estrutura interna passa a ser algo diverso da formação de novas palavras. RFPs são intrínsecas à capacidade de formar novos itens lexicais e possuem uma contraparte de análise estrutural. Nem todo reconhecimento de estrutura, todavia, nos propicia formar novos vocábulos, como é o caso citado de “olheira”. Logo, as RAEs não possuem sempre uma RFP como contraparte. Formalmente, teríamos:

Grupos de afinidade semântica produtivos:

RFP: $[X]_a \rightarrow [[X]_a Y]_b$

RAE: $[[X]_a Y]_b$

Grupos de afinidade semântica improdutivos:

RAE: $[[X]_a Y]_b$

=====

Considere agora o *corpus* a seguir:

Barbeiro, fofoqueiro, abacateiro, copeiro, cambalacheiro, aguaceiro, mineiro, carcereiro, jardineiro, brasileiro, cinzeiro, verdureiro, gazeteiro, coqueiro, lamaceiro, cajueiro, fumaceiro, trambiqueiro, arruaceiro e baleiro.

Distribua as palavras do *corpus* em grupos de afinidade semântica do sufixo -eiro. Logo após, discuta, com base nesses dados, os problemas destacados a partir de Aronoff (1976): base unitária, produto categorial único e RFP/RAE. (Valor: 2,0 pontos)

Nota: grupos de afinidade semântica de -eiro contidos no *corpus*: agente profissional, agente habitual (habitualmente faz o que está especificado na palavra-base), árvore/arbusto, acúmulo/excesso, locativos e gentílico.

Referências citadas:

ARONOFF, M. Word formation in generative grammar. **Linguistic Inquiry**. Monography I. Cambridge: Mass/ Mit Press, 1976.

BASÍLIO, M. **Estruturas lexicais do português**. Petrópolis: Vozes, 1980.

_____. **Teoria lexical**. 5ª ed. São Paulo: Ática, 1998.



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

QUESTÃO 3

Considerando-se a centralidade do verbo na construção da oração e a existência de possíveis posições estruturais a serem preenchidas pelos sintagmas à sua volta, observe o comportamento sintático dos verbos sublinhados nos trechos a seguir e enquadre-os, justificando seu critério, em classes e subclasses. (Valor: 2,0 pontos)

Texto:

O Pássaro Secreto

Talvez exista um lugar de onde não se pode mais retornar, onde a vida não pode ser restituída. Talvez esse lugar seja aqui, onde estou agora, submersa na essência do silêncio a entoar uma canção sem melodia nem palavras, livre do peso do meu próprio corpo, livre de mim mesma.

.....

Desisti das pessoas; elas me causam exaustão psíquica. Não as enxergo mais, sequer ousou encará-las, nem pondero mais sobre elas. Hoje me faço perguntas bem banais. Quero saber se amanhã vai chover ou fazer sol, se o preço das frutas e hortaliças do senhor que instala sua banca aqui em frente ao prédio está mais em conta do que o do mercadinho do bairro.

(Marilia Arnaud)

=====

QUESTÃO 4

O emprego de palavras, expressões e construções alheias ao idioma que a ele chegam por empréstimos tomados de outra língua é chamado de estrangeirismo (BECHARA, 2005). Sabemos que nossa língua recebeu influências externas desde o século XIII, ainda na Península Ibérica. Ademais, ao chegar ao Brasil, como podemos ver no **texto 1** a seguir, novos idiomas a ela se somaram. Na sequência, o **texto 2** revela a posição do linguista Sírio Possenti a respeito do confronto entre patriotismo linguístico e estrangeirismo.

Tendo em vista que a tecnologia está presente não apenas no cotidiano de nossa sociedade como um todo, mas também em muitos dos conteúdos ministrados aos nossos estudantes, o que resulta na inserção de inúmeros termos estrangeiros ao léxico da língua portuguesa, como você abordaria a temática do estrangeirismo no contexto do Ensino Médio integrado ao Técnico? (Valor: 2,0 pontos)



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

Texto 1:

A Condessa de Barral: a paixão do Imperador

A vida familiar dos Borges de Barros tinha se adaptado à maneira europeia de ser. Os passeios, as visitas a exposições e museus, assim como o trabalho doméstico compartilhado, já eram partes de um modelo tipicamente burguês que buscava o equilíbrio da atividade profissional com a felicidade pessoal. Por vários canais diferentes, sobretudo *misses* e *nurses* – governantas empregadas entre as boas famílias –, esse modelo se infiltrou nas classes dominantes francesas. A anglomania tornou-se uma forma de distinção. Adotavam-se os costumes de higiene, tais como o uso do sabonete, da latrina e da banheira, modas do vestuário, palavras (*home, baby, comfort*), maneiras de brincar, de sentir ou amar. As roupas, a linguagem, as atitudes em relação aos pobres, os serviços prestados à comunidade, tudo se convertia em critério do patriotismo civilizado. Tais modas passadas da Inglaterra para a França, D. Domingos queria transferir para o Brasil.

(Mary Del Priore)

Texto 2:

A questão dos estrangeirismos

“(…) para proteger de fato nossa língua, temos que tornar nossa economia poderosa e nossa cultura tão charmosa que nenhuma outra nos tente.”

(Sírio Possenti)

=====

Referências citadas:

BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2005.

FARACO, C. A. (org.). **Estrangeirismos: guerras em torno da língua**. 2ª ed. São Paulo: Parábola, 2001.



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

QUESTÃO 5

Texto 1:

Cor-de-rosa choque

Não provoque
Não provoque
Por isso não provoque

Nas duas faces de Eva
A bela e a fera
Um certo sorriso
De quem nada quer

Sexo frágil
Não foge à luta
E nem só de cama
Vive a mulher

Por isso, não provoque
É cor-de-rosa choque

Não provoque
É cor-de-rosa choque

Não provoque
É cor-de-rosa choque
Por isso, não provoque
É cor-de-rosa choque

Mulher é bicho esquisito
Todo o mês sangra
Um sexto sentido
Maior que a razão

Gata borralheira
Você é princesa
Dondoca é uma espécie
Em extinção



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

Por isso, não provoque
É cor-de-rosa choque
Oh oh oh ooh
Não provoque
É cor-de-rosa choque
Não provoque
É cor-de-rosa choque
Por isso, não provoque
É cor-de-rosa choque

Por isso, não provoque
É cor-de-rosa choque
Oh oh oh ooh
Não provoque
É cor-de-rosa choque
Não provoque
É cor-de-rosa choque
Por isso, não provoque
É cor-de-rosa choque

Oh oh oh ooh
Não provoque

(Rita Lee e Roberto de Carvalho)

Texto 2:

Somos queijo gorgonzola

Estamos envelhecendo, estamos envelhecendo, estamos envelhecendo, só ouço isto. No táxi, no trânsito, no banco, só me chamam de senhora. E as amigas falam “estamos envelhecendo”, como quem diz “estamos apodrecendo”. Não estou achando envelhecer esse horror todo. Até agora. Mas a pressão é grande. Então, outro dia, divertidamente, fiz uma analogia.

O queijo Gorgonzola é um queijo que a maioria das pessoas que eu conheço gosta. Gosta na salada, no pão, com vinho tinto, vinho branco, é um queijo delicioso, de sabor e aroma peculiares, uma invenção italiana, tem status de iguaria com seu sabor sofisticadíssimo, incomparável, vende aos quilos nos supermercados do Leblon, é caro e é podre. É um queijo contaminado por fungos, só fica bom depois que mofa. É um queijo podre de chique. Para ficar gostoso tem que estar no ponto certo da deterioração da matéria. O que me possibilita afirmar que não é pelo fato de estar envelhecendo ou apodrecendo ou mofando que devo ser desvalorizada.



Campus Nova Iguaçu – LETRAS – Português e Literaturas
Prova Escrita

Saibam: vou envelhecer até o ponto certo, como o Gorgonzola. Se Deus quiser, morrerei no ponto G da deterioração da matéria. Estou me tornando uma iguaria. Com vinho tinto sou deliciosa. Aos 50 sou uma mulher para paladares sofisticados. Não sou mais um queijo Minas Frescal, não sou mais uma Ricota, não sou um queijo amarelo qualquer para um lanche sem compromisso. Não sou para qualquer um, nem para qualquer um dou bola, agora tenho status, sou um queijo Gorgonzola.

(Maitê Proença)

No texto 1 acima, o eu lírico promove a exaltação ao surgimento de um novo feminino durante os anos de 1980. O texto 2 traz uma pequena reflexão bem-humorada da autora sobre a sua percepção de envelhecimento. Entendendo leitura como prática social (MOITA LOPES, 1996), que relações você estabeleceria entre os dois textos em uma aula do Ensino Médio, considerando: (Valor: 2,0 pontos)

- a) a existência de “[...] um sistema conceptual metafórico, subjacente à linguagem, que influencia nosso pensamento e nossa ação” (LAKOFF e JOHNSON, 2002, p. 15);
- b) as representações metafóricas da mulher na sociedade.

Referências citadas:

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. São Paulo: Educ; Campinas: Mercado de Letras, 2002.

MOITA LOPES, L.P. Interdisciplinaridade e intertextualidade: leitura como prática social. **Anais do III Seminário da Sociedade Internacional de Português Língua Estrangeira**. Niterói: UFF, 1996.